

“A arte tem valia, porque nos tira de aqui”

Lélia Parreira Duarte (UFMG)

*Nada fica de nada. Nada somos.  
Um pouco ao sol e ao ar nos atrazamos  
Da irrespiravel treva que nos pese  
Da humida terra imposta,  
Cadaveres addiados que procriam.*

*Leis feitas, statuas altas, odes findas –  
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes  
A que um intimo sol dá sangue, temos  
Poente, porque não ellas?  
Somos contos contando contos, nada.<sup>1</sup>*

O título acima, ou a sua variante: “A arte livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos”<sup>2</sup>, aliados ao poema de Ricardo Reis em epígrafe, parecem apresentar um resumo da temática de Fernando Pessoa, em seu reconhecimento de que a linguagem é o avesso da onipotência, ou de que a tentativa humana de captar o inapreensível da linguagem será sempre frustrada. Pois parecem falar esses textos da frustração e da solidão que angustiam o homem, que não encontra o seu eu, sentindo-se sempre no vazio e no exílio. E assim iluminam o sentido estético e crítico da obra estilhaçada de Pessoa: fragmentada e multiplicada em máscaras, testemunha ela a nossa humana nudez diante da morte.

Se nesses textos o ponto de vista do Poeta é negativo, parece entretanto possível perceber que, para ele, essa negatividade tem algo de positivo e pode impulsionar a criação, constituindo-se como uma potência que conjuga ambigualmente morte e vida. Se nada fica de nada, se nada somos, se somos apenas contos contando contos – apenas uma passagem do eu para o outro – e se o nosso irremediável destino é o nada, podemos ter vida através da arte. Através da literatura podemos contar contos, para assim procriar e comunicar, livrando-nos, mesmo que provisória ou fingidamente, *de aqui*, da sordidez de sermos, ou seja, da finitude e da tragicidade da condição humana.

Essa questão da negatividade faz lembrar Maurice Blanchot e seu pensamento sobre o fazer literário, por exemplo em “A questão mais profunda” e em “Não haverá chances de acabar bem”, entre outros. O primeiro porque, como afirma o estudioso, a literatura não apresenta soluções ou refúgios: não há para onde fugir, pois não há lições, consolações ou esperanças; os textos falam de frustrações e de perdas, sem solução possível. Já em “Não haverá chances de acabar bem”, Blanchot reflete sobre a obra de arte e sua falta de objetivo. Haveria nela uma questão mais profunda: escreve-se porque precisa-se escrever; “mas aquilo que no “é preciso” não se ouve é resposta a uma pergunta que não se descobre, cuja aproximação suspende a resposta e a torna

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994, p. 174.

<sup>2</sup> Cf. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Vol. II. Lisboa: Ática, 1982, p. 518.

desnecessária”<sup>3</sup>. Somente a criação salva o artista, pois a sua intuição lhe mostra que ele é o sem poder, só pode falar da ausência de poder: a consciência de sua (im)potência é, entretanto, o primeiro movimento da comunicação. A obra pessoana poderia ser vista assim como canto de sereia, sedutora e enigmática promessa que não levaria a bom caminho, pois nada poderia acabar bem.

Também o italiano Giorgio Agamben e o argentino Santiago Kovadloff ajudam a iluminar a poética pessoana: Agamben lembra que a linguagem tem como função apenas o anúncio da finitude, sendo o seu fingimento fundamental para o equilíbrio da vida; e Kovadloff teoriza sobre o “silêncio primordial”, pois, para ele, poeta não é quem sabe instrumentalizar o idioma, “e sim aquele que se mostra apto a desembaraçar-se do uso corrente do idioma”<sup>4</sup>. Ou seja, parece que tanto o Poeta quanto os teóricos veem a literatura como processo, comunicação, fingimento, trapaça salutar de quem procura enganar a morte com a elaboração de uma linguagem que se sabe impotente para superar a negatividade, e cuja vida está justamente na máscara, no fingimento, nesse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder.

Tudo isso parece conjugar-se bem com a obra de Nietzsche e de Freud, homenageados neste colóquio, junto com Fernando Pessoa. Pois também eles acentuam o disfarce e o fingimento com que o homem se ilude para não enfrentar a verdade de sua fragilidade e impotência. Em “Nossa atitude para com a morte”, por exemplo, Freud fala da transitoriedade do mundo e do homem, e da importância da ilusão, em seu papel de tornar a vida mais fácil para nós, tornando-nos mais capazes de enfrentar o medo da morte.<sup>5</sup> E Nietzsche, em “Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral”<sup>6</sup>, refere-se ao disfarce, à mentira, à representação, à máscara e ao jogo teatral com que o homem foge da humilhação de seu não saber e do desmascaramento de suas ilusões (ou das consequências negativas de sua perda). É como se o filósofo previsse o fingimento dos heterônimos de Fernando Pessoa: não parece ele falar de Ricardo Reis, por exemplo, quando lembra o jogo do estóico que, guiado por conceitos ou abstrações, usa a contenção para evitar a dor e defender-se da infelicidade? Diz o Poeta:

Quer pouco: terás tudo.  
Quer nada: serás livre.  
O mesmo amor que tenham  
Por nós, quer-nos, oprime-nos.<sup>7</sup>

Não vale a pena fazer esforço: a sabedoria está em sentar-se ao sol, abdicar e ser rei de si próprio, pois

Os deuses são deuses  
Porque não se pensam.<sup>8</sup>

---

<sup>3</sup> BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 41.

<sup>4</sup> KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 30.

<sup>5</sup> FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 1974, vol. XIV, p. 339).

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral. In: *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.53-60.

<sup>7</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994, p. 167.

A disciplina e a contenção seriam qualidades indispensáveis ao bem viver, segundo o heterônimo, que é visto por Eduardo Lourenço – em “Pessoa ou le moi comme fiction” – como real enquanto poeta do presente efêmero experimentado como eterno, isto é, da irrealidade mesma.<sup>9</sup>

O que propõe o heterônimo é a paralisia, a inatividade<sup>10</sup>, em vista da negatividade da expectativa, que parece inspirada em Horácio e no epicurismo: a vida é breve, é preciso gozar moderadamente os prazeres e aproveitar o passageiro momento. Quando chama Lídia para sentarem-se à beira do rio, o eu lírico comenta:

Amêmo-nos tranquillamente, pensando que podíamos,  
Se quizessemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro  
Ouvindo correr o rio e vendo-o.<sup>11</sup>

Remetendo a Freud, a Nietzsche, ao estoicismo e ao epicurismo, essa duvidosa sabedoria de Reis mostra a potência da negatividade. Pois embora o heterônimo nos dê a conhecer as suas *Odes*, o que propõe nelas, ou o desejo que nelas expressa, é o da inatividade, em vista da brevidade da vida e de ser impossível qualquer positividade.

Estaria a poesia de Álvaro de Campos também afinada com o pensamento de Nietzsche e de Freud? Penso que sim. Pois não haveria, em parte da poesia desse heterônimo, uma “vertigem das sensações modernas, da volúpia da imaginação, da energia explosiva”?<sup>12</sup> Não seria esse Álvaro de Campos o típico homem intuitivo de que fala Nietzsche, aquele que se defende contra o mal com um “constante e torrencial contentamento e entusiasmo”, mas que sofre com mais frequência e com mais veemência, gritando alto e sem consolo na sua irracionalidade<sup>13</sup>, quando se dá conta do problema da transitoriedade, de que fala Freud?

Um trecho da “Ode marítima”, do heterônimo, parece exemplificar esse modo energético de que fala Nietzsche:

Ir, ir, ir, ir de vez!  
Todo o meu sangue raiva por asas!  
Todo o meu corpo atira-se pra frente!  
Galgo pla minha imaginação fora em torrentes!  
Atropelo-me, rujo, precipito-me!...  
Estoiram em espuma as minhas ânsias

---

<sup>8</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 134.

<sup>9</sup> Diz Eduardo Lourenço: “Ricardo Reis est réel en tant que poète du présent éphémère vécu comme éternel, c’est à dire de la irrealité même” Cf. Pessoa ou le moi comme fiction. In: *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986. p. 40.

<sup>10</sup> O que lembra a personagem Bartleby, de Melville, convincentemente estudado por Agamben, em *Bartleby*; escrita da potência. Lisboa: Assírio & Alvim, 20--.

<sup>11</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994, p. 99.

<sup>12</sup> COELHO, Jacinto do. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Ed. Verbo, 1969, p. 63.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral. In: *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 160.

E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochêdos!<sup>14</sup>

Logo depois vem entretanto o niilismo, a desistência, como se vê, por exemplo, no “Bicarbonato de soda”:

Renego tudo.  
Renego mais que tudo.  
Renego a gladio e fim todos os Deuses e a negação d’elles.  
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estomago  
e na circulação do sangue?  
Que atordoamento vazio me esfalfa no cerebro?  
Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?  
Não: vou existir. Arre! Vou existir.  
E-xis-tir...  
E--xis--tir...<sup>15</sup>

Ou então percebem-se os dois movimentos (contraditórios) em um só poema: veja-se o início de “Tabacaria”:

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.<sup>16</sup>

As duas perspectivas estariam também em “De la musique”:

Ah, pouco a pouco, entre as árvores antigas,  
A figura dela emerge e eu deixo de pensar...  
Pouco a pouco, da angústia de mim vou eu mesmo emergindo...

As duas figuras encontram-se na clareira ao pé do lago...

...As duas figuras sonhadas,  
Porque isto foi só um raio de luar e uma tristeza minha,  
E uma suposição de outra coisa,  
E o resultado de existir...

Verdadeiramente, ter-se-iam encontrado as duas figuras  
Na clareira ao pé do lago?

(...Mas se não existem?...)

---

<sup>14</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990, p. 88.

<sup>15</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990, p. 306.

<sup>16</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990, p. 196.

... Na clareira ao pé do lago?...<sup>17</sup>

Real, imaginário e simbólico conjugam-se no poema, para exprimir afinal a impossibilidade de integração, de plenitude: a sublimidade do desejado ritual amoroso parece acabar numa sublimação do abjeto, pois a conjugação de imaginário e angústia produz algo que poderia ser visto como uma perversão da linguagem, quase a linguagem plena, a pura enunciação de que fala Artaud. Talvez por isso mesmo o texto se faça com tantas reticências e adiamentos, como se tentasse constantemente se dizer ou dizer algo mais num tempo por vir, ou como se o presente de que fala o Poeta fosse essencialmente o lugar da contradição, ou da irrealidade da realidade, como diz Eduardo Lourenço.<sup>18</sup>

No *Livro do desassossego* o Poeta diz pensar com a imaginação, o que poderia ajudar a entender o “*De la musique*”:

Eu, porém, penso com a imaginação, e tudo quando deveria ser em mim ou razão, ou magia, ou impulso, se me reduz a qualquer coisa indiferente e distante, como este lago morto entre rochedos onde o ultimo por do sol paira desalongadamente.<sup>19</sup>

A ilusão seria assim um bom artifício para o ser humano vencer o medo da morte e o luto das perdas. E não seria o próprio exercício da heteronímia, nas várias tentativas de lidar com a negatividade, um exemplo do disfarce, da mentira, da representação, da máscara e do jogo teatral, mencionados por Nietzsche?

Tudo se reduziria a um jogo de linguagem, a uma perversa brincadeira com as palavras (ou com as figuras fantasmáticas): cantos de sereias que desapareceriam a uma aproximação...

E a poesia do ortônimo, seria ela diferente? Veja-se “Leve, breve, suave”, com seu manifesto desejo de sentido e plenitude, e sua desilusão com o cessar do canto da ave, assim que o eu lírico dispõe-se a ouvi-lo:

Leve, breve, suave,  
Um canto de ave  
Sobe no ar com que principia  
O dia.  
Escuto e passou...  
Parece que foi só porque escutei  
Que parou.

---

<sup>17</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990, p. 216-217.

<sup>18</sup> LOURENÇO, Eduardo. Pessoa ou le moi comme fiction. In: *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986. p. 40.

<sup>19</sup> PESSOA, Fernando. *Livro do desasocego*. . Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010, p. 384.

Nunca, nunca, em nada,  
Raie a madrugada,  
Ou 'splenda o dia, ou doire no declive.  
Tive  
Prazer a durar.  
Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir  
Gozar.<sup>20</sup>

A des-realização caracteriza o estado de exceção do Poeta, ser da perda e da falta, renunciando o gosto de uma (pós) modernidade desenganada e sem esperança. A referência ao tempo restrito de um dia ganha a amplitude de toda uma vida; o fugaz prazer aparece apenas para fazer sentir a frustração, a perda e o sofrimento. Violentado no seu desejo, entretanto, o Poeta transforma a sua dor em linguagem, num poema extremamente elaborado em termos de vocabulário, rimas, ritmo, metrificação e musicalidade.

Essa negatividade do eu aparece também na sua contraposição ao outro, como se vê em “Ela canta, pobre ceifeira”, ou em “O menino da sua mãe”, ambos do *Cancioneiro*. Enquanto a ceifeira e a mãe do menino morto cantam ou rezam, marcando-se pela inconsciência ou pela esperança, o sujeito lírico atenta para o peso da vida e da consciência. Seu desejo de morrer – de passar como uma sombra leve, de modo a não se aprofundar na perda e na angústia –, fala da inveja que ele tem dessa ceifeira e dessa mãe, que podem embalar-se na canção, na esperança e na ilusão, sem filosofias e reflexões sobre a precariedade da condição humana, e sem prever a irreversibilidade da frustração e da morte.

Em outro poema do ortônimo temos bem visível a referência às perdas: trata-se do “Mar português”, de *Mensagem*, e de suas lembranças de viagens e descobertas, mas também de sofrimento, exílio, ruína e solidão. E, essencialmente, dos perigos do desejo de poder. Não se trata de passar do negativo ao positivo; a questão é reconhecer o negativo e saber de sua potência, que permite enfrentar os perigos do mar, as dificuldades da escrita, ou as “calhas da roda”, como diz o Poeta na “Autopsicografia”. Não estaria ele dizendo, nesse poema, que a dor é inerente à vida em seu processo, sendo a escrita o dinamismo que pode livrar o eu (temporária e fingidamente, embora), do sofrimento? Passar além da dor não poderia ser, no caso, passar para um outro nível, o do jogo, da escrita, da comunicação? Se as dores se superpõem, sem solução, pois não há para onde fugir, restam o fingimento, a elaboração da linguagem, canto de sereia com que se entretém o poeta, que com ele nos seduz...

Talvez seja dessa dor da impotência que fala o Poeta, na “Autopsicografia”; e também no “Mar português”, no “Menino da sua mãe”, na “Ceifeira”, no “Leve, breve, suave”, no “De la musique”, na “Tabacaria”. E em tantos outros poemas, como “Chuva oblíqua” ou “Ode marítima”, em que a angústia e a tristeza resultam de um intervalo que revela a dor de uma vaga saudade, sem que entretanto se defina um objeto, como se também o sujeito fosse inconsistente e fugidio. O intervalo e a distância sugerem mistério e estranhamento, numa conjugação da concretude de um cais de pedra com saudades vagas e névoas de tristeza, em nova elaboração de significantes que não serviriam a preconceitos, ao desejo de posse ou a ideologias, mas fariam uma literatura que tira a língua da rotina.

---

<sup>20</sup> PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p. 140.

Toda a negatividade observada até aqui na poesia de Fernando Pessoa, com a sua carga de impotência e angústia, poderia ser colocada em dúvida, entretanto, se se pensar no heterônimo Alberto Caeiro, que parece fugir da perspectiva observada no conjunto pessoano. Vários estudiosos afirmam mesmo que Caeiro representaria a solução encontrada por Pessoa para não sucumbir diante do vazio e da solidão de um indivíduo que quanto mais se busca mais se perde, sem poder decidir-se entre o sentir e o pensar ou entre ser sujeito ou objeto. Caeiro propõe para isso a anulação do pensamento:

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!  
O único mistério é haver quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o sol  
E a pensar muitas cousas cheias de calor.  
Mas abre os olhos e vê o sol  
E já não pode pensar em nada.  
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos  
De todos os filósofos e de todos os poetas.  
A luz do sol não sabe o que faz  
E por isso não erra e é comum de boa.<sup>21</sup>

Certamente por isso Caeiro surge, diante dos outros eus pessoanos, como mestre de vida e de poesia. Para ele, o problema do ser humano reside no seu desejo ou na necessidade de que todas as coisas simbolizem, signifiquem, “sejam” algo além de si mesmas e de sua materialidade pagã. Segundo Pessoa, a obra de Caeiro é repouso, refúgio e libertação; Ricardo Reis a julga com “tendência constante para o objetivismo total”<sup>22</sup>. E Álvaro de Campos parece sintetizar a perspectiva de que Caeiro teria encontrado a solução ideal, no seu poema “Mestre, meu mestre querido”. O heterônimo lamenta, entretanto, a impossibilidade de seguir os ensinamentos do Mestre, pois não bastaria encontrar um modelo, seria necessário conseguir não pensar, o que Caeiro afirma ter conseguido.

Jacinto do Prado Coelho chama atenção para o paradoxo de Caeiro ser autor de poemas e tentar transmitir às palavras a inocência e a nudez de sua visão. Pois Caeiro se contradiz ao defender que a sabedoria que dá felicidade reside no vegetar, na “saúde em existir das árvores e das plantas”; esse olhar já seria entretanto intelectual, somente teoricamente liberto dos preconceitos comuns, já que a visão elementar, isenta de reflexão, daria do mundo apenas uma representação caótica, indistinta, sincrética.

A perspectiva de Caeiro seria assim, afinal, parecida com a dos outros heterônimos, já que a sua fuga do vazio e da falta de significação só poderia ser feita através da trapaça, da máscara e do fingimento, no campo da linguagem. Talvez por isso Caeiro tanto acentue a importância da escrita e da leitura: da comunicação, da poesia, da

---

<sup>21</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p. 222.

<sup>22</sup> PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. (Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli). Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1974, p. 111.

passagem que se faz através da linguagem, com a qual o ser humano pode “tirar-se de aqui”, como diz Bernardo Soares.

Essa ambígua relação entre morte e vida que se observa na obra pessoana parece relacionar-se com a temática trabalhada pelo grupo de pesquisa que coordenei durante perto de seis anos, constituído por mais de quarenta estudiosos, de cinco países, e que se intitulou “De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte na literatura”. Como explica José Maria Cançado, na nota que inicia o primeiro livro da pesquisa (três volumes de ensaios foram publicados<sup>23</sup>), a oscilação morte/vida, característica da figura de Perséfone, bem pode descrever o movimento da escrita e da própria literatura, visto como “máscara, mascarada, molde mortuário, mas de linguagem composto, teatro e cena da escrita”.<sup>24</sup> Trata-se de escrita e literatura que reconhecem como impulso dinamizador a morte e que, quando pensamos em Fernando Pessoa, aparece muitas vezes como a máscara de um sujeito/ator que desliza, evanescente, trapaceando com a linguagem.

Fernando Pessoa seria um escrivão diferente da personagem Bartleby, de Melville, que deseja a imobilidade e se caracteriza pela frase “Preferiria não o fazer”. Pois o Poeta escreve, propõe utilidades, ensinamentos, verdades. Revela entretanto uma desilusão e uma negatividade que remetem a essa potência ambígua de quem simplesmente faz uma constatação, sem nada poder afirmar, ou sem acreditar no que afirma. É como se o Poeta deslocasse a linguagem, negativa e ceticamente, do registro da proposição para o do anúncio, como um mensageiro sem mensagem, ou como se colocasse em questão qualquer verdade do senso comum. Ou então que concluísse que o sonho remete a um infinito inatingível, confirmando a impotência, ou reafirmando que a potência só pode colocar-se em ação numa escrita negativa, de que está ausente qualquer esperança.

A “verdade” do Poeta não seria assim uma verdade acabada, definitiva, mas uma verdade (im)possível, paradoxalmente ambígua, em crise ou em conflito consigo mesma. O seu lugar seria o da expressão problematização da linguagem, na relação/oposição: realidade/ficção ou verdade/ilusão.

Resultado da produção de alguém que finge que finge que finge, a literatura de Fernando Pessoa seria enfim a produção cultural de um sujeito identificável apenas à sua própria enunciação. Como diz Eduardo Lourenço, trata-se de uma tentativa permanente, sempre falhada, de suprir a ausência congênita do eu: contaminado pela repetição do fingimento, o leitor é forçado a colocar a máscara<sup>25</sup>, a entrar no jogo e a participar conscientemente da mentira.

---

<sup>23</sup> As referências dos volumes são as seguintes: *As máscaras de Perséfone*: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2006; *De Orfeu e de Perséfone*: morte e literatura. Cotia/SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: PUC Minas, 2008; *A escrita da finitude* – de Orfeu e de Perséfone. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

<sup>24</sup> CANÇADO, José Maria. Nota inicial. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). *As máscaras de Perséfone*: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2006. p. 12.

<sup>25</sup> Mais ainda que uma escolha, a máscara seria, portanto, “[...] um dado implícito na experiência que o sujeito faz de si mesmo na linguagem.” FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *O alibi infinito* – O projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 27.

Na obra estilhaçada desse poeta que é Pessoa, também os heterônimos seriam então máscaras, fingimentos, confirmação da negatividade que impulsiona a criação. Para mostrar enfim o sentido estético e crítico de uma obra em que a linguagem assume descaradamente, ou mascaradamente, a nossa humana nudez diante da morte. Porque a arte poética pessoana, seguindo a linha de Nietzsche e de Freud, fala da encenação consciente da infinita finitude do homem e de sua prisão no labirinto do Tempo, com a certeza de que qualquer verdade lhe está vedada. Ou seja: “A arte tem valia, porque nos tira de aqui”.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Idéia da morte. *In: Idéia da prosa*. Tradução, prefácio e notas de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. O país dos brinquedos – reflexões sobre a história e sobre o jogo. *In: Infância e história; destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 79-107.

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby; escrita da potência*. Lisboa: Assírio & Alvim, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Carmona e Costa, 20--.

ALMANZI, Guido. L’affaire mystérieuse de l’abominable *tongue-in-cheek*. *Póétique*, Paris, n. 36, p. 413-426, nov. 1978.

BLANCHOT, Maurice. A questão mais profunda. *In: A conversa infinita*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. p. 41-61.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANÇADO, José Maria. Nota inicial. *In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2006. p. 11-14.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Ed. refundida e acrescentada. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *O álibi infinito – O projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. *In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 1974, vol. XIV, p. 327-339).

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Tradução de Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Edições Vendaval, 2003.

LOURENÇO, Eduardo. Pessoa ou le moi comme fiction. *In: Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986. p. 35-43.

LOURENÇO, Eduardo. A Morte, de Schopenhauer a Unamuno. *J.L. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 29/08 – 11/09/2007, p. 14-16.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral. *In: Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. *Os pensadores*. p. 53-60.

PESSOA, Fernando. *Livro do desasocego*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. (Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz). Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. (Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli). Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1974.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. (Ed. crít. de Cleonice Berardinelli). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. (Ed. crít. de Luiz Fagundes Duarte). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

Texto apresentado no Colóquio Internacional Nietzsche Pessoa Freud, realizado em Lisboa, nos dias 3, 4 e 5 de maio de 2011.